



Localizado na Avenida Ipiranga, 344, o Edifício Itália (obras de 1945 a 1956) foi projetado pelo arquiteto alemão Franz Heep. Na pág. ao lado, as obras do Conjunto Nacional (Avenida Paulista, 2073), que duraram de 1955 a 1962. Projetado pelo paranaense David Libeskind

À ALTURA DE SÃO PAULO

RAUL JUSTE LORES LANÇA REEDIÇÃO DO LIVRO DE ARQUITETURA MAIS VENDIDO (E ESGOTADO) NO BRASIL, *SÃO PAULO NAS ALTURAS*, EM QUE DESTACA A HISTÓRIA DOS PRÉDIOS MAIS FANTÁSTICOS QUE BROTARAM NA CIDADE NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960

POR DÉCIO GALINA

Com cerca de 20 mil exemplares vendidos em seis impressões, a primeira edição de *São Paulo nas Alturas* foi lançada em 2017, pela editora Três Estrelas, e se consagrou como o livro de arquitetura mais comercializado no Brasil. Após ser finalista do Prêmio Jabuti de 2018, ficar esgotado por anos e ser considerado leitura obrigatória em cerca de 20 faculdades de arquitetura e urbanismo do país, ele foi reeditado pela Companhia das Letras e lançado no início de março, em São Paulo.

O autor é o jornalista e pesquisador do assunto Raul Juste Lores, que foi repórter especial da *Folha de S.Paulo*, correspondente em Washington, Nova York, Pequim e Buenos Aires. Também foi editor de Internacional da revista *Veja*. Há dois anos e meio, mantém um canal no YouTube (com o nome do livro), que hoje conta com 105 mil inscritos e quase 11 milhões de visualizações.

A obra esmiúça o que aconteceu nas décadas de 1950 e 1960 para São Paulo assistir à construção de prédios icônicos, como Copan, Conjunto Nacional, Grandes Galerias (hoje Galeria do Rock), Edifício Itália, Bretagne, Paqueta, entre outros. Filho de galegos que emigraram da Espanha separadamente para o Brasil (a mãe, de uma cidade portuária; o pai, de uma cidade de campo), Raul nasceu em Santos (SP) e logo se viu encantado pelos prédios da cidade. A seguir, trecho da entrevista.

Forbes – O que seus pais faziam quando você nasceu? Como foi sua infância em Santos?

Raul Juste Lores – Quando nasci, meu pai consertava ônibus e a minha mãe era dona de casa. Desde criança, eu já adorava caminhar e tirar fotos de prédios. Santos é uma cidade plana, tinha muita arquitetura modernista, porque a cidade se verticalizou e cresceu muito com a criação da Via Anchieta, quando São Paulo desce para Santos, no final dos anos 1940. Então, eu queria conhecer todas as ruas da cidade. Aliás, adorava – e adoro – mapas.

Como se interessou por jornalismo?

Lembro que vi uma reportagem no *Fantástico*, quando eu tinha 10 anos, sobre

um jornalzinho feito por crianças nos Estados Unidos. Decidi criar meu próprio jornal. Assim, descobri que gostava de entrevistar, fazer perguntas, e ouvir e contar histórias.

Por que começou a se interessar por prédios de São Paulo?

Olha, se eu já gostava de prédios em Santos, imagina os de São Paulo: maiores, mais impressionantes, com uma grande escala. São Paulo sempre foi a minha Nova York pessoal – a apenas 70 quilômetros de casa.

Quais são seus cinco prédios favoritos em São Paulo?

É muito difícil escolher meus cinco favoritos em São Paulo por um motivo simples: devo ter uns 100 favoritos. Dependendo do dia que você me perguntar, vou dar uma resposta diferente. Mas diria que os mais emblemáticos da fase ambiciosa de São Paulo são: Conjunto Nacional, Copan, Itália, Galeria do Rock e o Bretagne.

Como sua vida de correspondente internacional aguçou seus olhos para a arquitetura nacional?

Quando você mora em Buenos Aires, descobre com os próprios pés as vantagens de uma cidade compacta, de uma cidade de uso misto, onde moradia, trabalho, entretenimento estão juntos e misturados em tudo quanto é bairro. Quando você mora em Pequim, vê a importância da arquitetura como cartão de visitas. Quando mora em Nova York, percebe a dinâmica democrática das ruas, de muito transporte público, de vida de pedestre. Nova York sofreu diversas crises nas últimas décadas – e sempre deu a volta por cima. Isso me dá esperança em relação à sofrida São Paulo.

Quais são suas cidades favoritas em relação à arquitetura?

Também é difícil escolher minhas cidades. Mas talvez sejam: Cidade do México, Seul, Tóquio, Nova York e Madri.

Por que teve a ideia de escrever *São Paulo nas Alturas*?

O maior motivo foi saciar a minha curiosidade de como uma São Paulo, ainda tão menor, tão mais pobre, em um país periférico, foi tão ousada na arquitetura. Achava que estava mais do que na hora de se valorizar o patrimônio construído, e tentar descobrir em que momento o mercado imobiliário perdeu tanto a mão na cidade.

FOTOS RAUL JUSTE LORES/RETRATO MÁRIO AMARAL



“NAS DÉCADAS

DE 50 E 60,

HAVIA A

NECESSIDADE

DE SE

CONVENCER

AS PESSOAS

QUE MORAVAM

EM CASAS A

SE MUDAR PARA

PRÉDIOS. ELES

TINHAM DE

SER BONITOS.”

RAUL JUSTE LORES

Quais são os fatores essenciais para a revolução modernista da arquitetura em São Paulo nas décadas de 1950 e 1960?

Os fatores essenciais: crescimento vertiginoso-econômico; a valorização do café no mundo (que enriquece demais São Paulo); a industrialização da cidade (e esses industriais decidem investir em imóveis porque queriam se defender da inflação); e a dificuldade de se alugar. Então, deixam de construir edifícios de locação para fazer edifícios para vender. Havia a necessidade de se convencer as pessoas que moravam em casa, ou seja, todo mundo, a se mudar para prédios. Eles tinham que ser bonitos, tinham que ter arte, paisagismo, tinham que, de fato, impressionar.

Qual é a ideia principal do capítulo “Quando São Paulo degingolou”?

São Paulo degingolou por diversas razões. Talvez a principal tenha sido a crença de que o carro criaria cidades melhores e mais democráticas. Então, se fez de tudo para impedir a construção em áreas centrais. São Paulo se espalhou mesmo sem infraestrutura e virou um paliteiro de prédios estreitos em terrenos cada vez mais largos. A cidade foi fatiada para se fazer viaduto, túnel, ponte, Minhocão, canalizou rios... Toda legislação seguiu o modelo do subúrbio americano, o modelo de Brasília e da Cidade Universitária, ou seja, um lugar onde tudo é difícil de se fazer a pé.

Qual é o grande inimigo da boa arquitetura hoje em São Paulo?

São três grandes inimigos, na verdade. É a legislação e muitos técnicos da prefeitura que premiam o feijão com arroz e que demoram demais para provar qualquer coisa ousada. Há um mercado imobiliário dominado por engenheiros muito conservadores, e que não dão importância à arquitetura ou ao urbanismo. E uma clientela que não está nem aí, tanto para arquitetura como para o impacto do prédio na vizinhança. O paulistano fala muito de decoração, do mundo de dentro de casa, mas pensa muito pouco no coletivo e na paisagem do entorno. **■**